

{k0} - 2024/08/13 Notícias de Inteligência ! (pdf)

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Experimento social no verão: pedir aos passageiros que usem fones de ouvido

No início do verão, fiz um experimento social – algo que você pode considerar ingênuo ou insuportável, dependendo da prioridade que dá a uma vida tranquila. Tudo começou com uma viagem fragmentada de norte a sul de Londres, durante a qual, {k0} cada seção do trajeto (ônibus, sobreground, ônibus), alguém estava tocando conteúdo {k0} seu telefone, alto. Inicialmente, havia uma mulher desajeitadamente desfilando por {sp}s do TikTok: quatro segundos de ataques de tutoriais de medicina tradicional chinesa, meninas brincando com seus namorados e dicas de autoajuda. A mulher ao meu lado colocou fones de ouvido, mas não disse nada. Em seguida, havia uma mulher ouvindo um almost 20-minutos de longo áudio de mensagem de voz de um amigo alto o suficiente para que todos pudéssemos ouvir. Essa é a vida do passageiro {k0} nosso novo inferno ambiente.

Na frente do convés superior do ônibus, de outra forma vazio, um homem sentou-se nos assentos adjacentes a mim – os melhores da casa. Ele imediatamente tirou seu telefone, carregou um podcast no YouTube e sentou lá, seu dispositivo tocando alto. Eu sabia que isso seria minha chance de contá-lo, praticar sem um público e, portanto, com pouco risco de ele se sentir publicamente envergonhado. Somente eu e ele no ringue, então: "Amigo, você pode me ouvir com fones de ouvido?"

Eu havia pensado cuidadosamente sobre a melhor maneira de fazer isso. Eu neutralizaria minha voz para que meu julgamento não pudesse envenenar o tom. Eu sorriria com um rosto aberto e pensaria pensamentos positivos sobre este homem, para que ele intuitivamente sentisse que eu era amigo, não inimigo. E então, eu reduziria a mensagem a uma frase básica, não amortecê-la com desculpas (um pedido de desculpas – de *mim!*) ou explicaria por que queria que o comportamento antissocial parasse.

Nos últimos meses, fiz isso a cada vez que a oportunidade se apresentou injustamente. As pessoas geralmente respondem bem. Não apenas os fiéis ao conteúdo barulhentos, mas geralmente, como é o jeito reprimido e passivo-agressivo britânico, os outros passageiros que assistem ou dão um olhar encorajador. A única resposta enfurecida veio de um homem que, inexplicavelmente, assistia a clipes do Jeremy Kyle no YouTube, o que, de certa forma, faz sentido. "O que é com você", perguntou retoricamente antes provavelmente desejando que não tivesse.

As coisas eram muito diferentes. Na década de 2000, geralmente havia uma criança ou dois tocando música {k0} seu telefone no ônibus para a escola. Adultos diriam-lhes para parar e as crianças ririam, mas provavelmente desligariam ou diminuiriam. Cinco anos atrás, todos poderiam estar grudados aos seus telefones {k0} lugares públicos e {k0} viagens – mas raramente encontraríamos alguém tocando algo alto, ou pelo menos por mais alguns segundos, sem segurá-lo próximo à {k0} orelha.

Agora, não são apenas jovens enchendo nossos espaços públicos com entrevistas do Joe Rogan e tutoriais de biohacking – é todo mundo. Não acho que as pessoas sequer percebem que estão fazendo isso. Algures ao longo do caminho, isso se tornou normal – certamente durante a pandemia, quando coletivamente decidimos que todo momento consciente precisava ser preenchido com conteúdo visual e auditivo, antes de serem nos informados para retornar à sociedade. Vamos apenas dizer que lutamos. Acredito isso porque quando pergunto a pessoas

para diminuir seus dispositivos, eles fazem uma das duas faces: ou eles parecem acordar de um sono de séculos ou parecem surpresos consigo mesmos, como se não soubessem como chegaram a este momento.

Você pode argumentar que, {k0} teoria, essa perturbação não é diferente de ouvir pessoas terem conversas altas ou estar embriagadas e desinibidas de forma inócua. Mas é diferente. Essa qualidade metálica ao barulho, a parada e partida abrupta de {sp} e áudio, a natureza caótica de cada tipo de conteúdo acontecendo ao mesmo tempo no mesmo metrô: é distraente e desorientador. Ele impede que você esteja no presente e tem o efeito perverso de forçá-lo para dentro de seus próprios fones de ouvido e bolha de conteúdo, quando você pode estar – pelo menos {k0} meu caso – tentando reduzir seu próprio tempo na tela. A única coisa pior do que ser escravo do próprio dispositivo e seu bater de chifres incessante é ser forçado a ouvir os de outras pessoas. A melhor maneira que posso descrever a sensação é que me sinto atacado por algum processo elétrico de sucção; levantando ainda mais meu sistema nervoso já desregulado. Não precisa ser assim. Se mais pessoas se juntarem a mim, eventualmente a Transport for London ou o órgão responsável local pagará por um novo anúncio: "Por favor, ofereça seu assento a mulheres grávidas, não moleste sexualmente as pessoas e não faça conteúdo de meio-fio alto, por favor!" Imagine quanto claramente poderíamos pensar. Talvez possamos até ter interações agradáveis um com o outro.

Quando disse a esse homem no convés superior do ônibus para ouvir o YouTube com fones de ouvido, ele me olhou incrédulo por um momento. Em seguida, quando o que eu tinha pedido dele finalmente afundou, ele imediatamente vermelheou. "Deus, desculpe", disse. "Eu estava {k0} meu próprio mundo lá."

Partilha de casos

Experimento social no verão: pedir aos passageiros que usem fones de ouvido

No início do verão, fiz um experimento social – algo que você pode considerar ingênuo ou insuportável, dependendo da prioridade que dá a uma vida tranquila. Tudo começou com uma viagem fragmentada de norte a sul de Londres, durante a qual, {k0} cada seção do trajeto (ônibus, sobreground, ônibus), alguém estava tocando conteúdo {k0} seu telefone, alto.

Inicialmente, havia uma mulher desajeitadamente desfilando por {sp}s do TikTok: quatro segundos de ataques de tutoriais de medicina tradicional chinesa, meninas brincando com seus namorados e dicas de autoajuda. A mulher ao seu lado colocou fones de ouvido, mas não disse nada. Em seguida, havia uma mulher ouvindo um almost 20-minutos de longo áudio de mensagem de voz de um amigo alto o suficiente para que todos pudéssemos ouvir. Essa é a vida do passageiro {k0} nosso novo inferno ambiente.

Na frente do convés superior do ônibus, de outra forma vazio, um homem sentou-se nos assentos adjacentes a mim – os melhores da casa. Ele imediatamente tirou seu telefone, carregou um podcast no YouTube e sentou lá, seu dispositivo tocando alto. Eu sabia que isso seria minha chance de contá-lo, praticar sem um público e, portanto, com pouco risco de ele se sentir publicamente envergonhado. Somente eu e ele no ringue, então: "Amigo, você pode me ouvir com fones de ouvido?"

Eu havia pensado cuidadosamente sobre a melhor maneira de fazer isso. Eu neutralizaria minha voz para que meu julgamento não pudesse envenenar o tom. Eu sorriria com um rosto aberto e pensaria pensamentos positivos sobre este homem, para que ele intuitivamente sentisse que eu era amigo, não inimigo. E então, eu reduziria a mensagem a uma frase básica, não amortecê-la com desculpas (um pedido de desculpas – de *mim!*) ou explicaria por que queria que o comportamento antissocial parasse.

Nos últimos meses, fiz isso a cada vez que a oportunidade se apresentou injustamente. As

As pessoas geralmente respondem bem. Não apenas os fiéis ao conteúdo barulhentos, mas geralmente, como é o jeito reprimido e passivo-agressivo britânico, os outros passageiros que assistem ou dão um olhar encorajador. A única resposta enfurecida veio de um homem que, inexplicavelmente, assistia a clipes do Jeremy Kyle no YouTube, o que, de certa forma, faz sentido. "O que é com você", perguntou retoricamente antes provavelmente desejando que não tivesse.

As coisas eram muito diferentes. Na década de 2000, geralmente havia uma criança ou dois tocando música {k0} seu telefone no ônibus para a escola. Adultos diriam-lhes para parar e as crianças ririam, mas provavelmente desligariam ou diminuiriam. Cinco anos atrás, todos poderiam estar grudados aos seus telefones {k0} lugares públicos e {k0} viagens – mas raramente encontraríamos alguém tocando algo alto, ou pelo menos por mais alguns segundos, sem segurá-lo próximo à {k0} orelha.

Agora, não são apenas jovens enchendo nossos espaços públicos com entrevistas do Joe Rogan e tutoriais de biohacking – é todo mundo. Não acho que as pessoas sequer percebem que estão fazendo isso. Algures ao longo do caminho, isso se tornou normal – certamente durante a pandemia, quando coletivamente decidimos que todo momento consciente precisava ser preenchido com conteúdo visual e auditivo, antes de serem nos informados para retornar à sociedade. Vamos apenas dizer que lutamos. Acredito isso porque quando pergunto a pessoas para diminuir seus dispositivos, eles fazem uma das duas faces: ou eles parecem acordar de um sono de séculos ou parecem surpresos consigo mesmos, como se não soubessem como chegaram a este momento.

Você pode argumentar que, {k0} teoria, essa perturbação não é diferente de ouvir pessoas terem conversas altas ou estar embriagadas e desinibidas de forma inócua. Mas é diferente. Essa qualidade metálica ao barulho, a parada e partida abrupta de {sp} e áudio, a natureza caótica de cada tipo de conteúdo acontecendo ao mesmo tempo no mesmo metrô: é distraente e desorientador. Ele impede que você esteja no presente e tem o efeito perverso de forçá-lo para dentro de seus próprios fones de ouvido e bolha de conteúdo, quando você pode estar – pelo menos {k0} meu caso – tentando reduzir seu próprio tempo na tela. A única coisa pior do que ser escravo do próprio dispositivo e seu bater de chifres incessante é ser forçado a ouvir os de outras pessoas. A melhor maneira que posso descrever a sensação é que me sinto atacado por algum processo elétrico de sucção; levantando ainda mais meu sistema nervoso já desregulado. Não precisa ser assim. Se mais pessoas se juntarem a mim, eventualmente a Transport for London ou o órgão responsável local pagará por um novo anúncio: "Por favor, ofereça seu assento a mulheres grávidas, não moleste sexualmente as pessoas e não faça conteúdo de meio-fio alto, por favor!" Imagine quanto claramente poderíamos pensar. Talvez possamos até ter interações agradáveis um com o outro.

Quando disse a esse homem no convés superior do ônibus para ouvir o YouTube com fones de ouvido, ele me olhou incrédulo por um momento. Em seguida, quando o que eu tinha pedido dele finalmente afundou, ele imediatamente vermelheou. "Deus, desculpe", disse. "Eu estava {k0} meu próprio mundo lá."

Expanda pontos de conhecimento

Experimento social no verão: pedir aos passageiros que usem fones de ouvido

No início do verão, fiz um experimento social – algo que você pode considerar ingênuo ou insuportável, dependendo da prioridade que dá a uma vida tranquila. Tudo começou com uma viagem fragmentada de norte a sul de Londres, durante a qual, {k0} cada seção do trajeto (ônibus, sobreground, ônibus), alguém estava tocando conteúdo {k0} seu telefone, alto. Inicialmente, havia uma mulher desajeitadamente desfilando por {sp}s do TikTok: quatro

segundos de ataques de tutoriais de medicina tradicional chinesa, meninas brincando com seus namorados e dicas de autoajuda. A mulher ao seu lado colocou fones de ouvido, mas não disse nada. Em seguida, havia uma mulher ouvindo um almost 20-minutos de longo áudio de mensagem de voz de um amigo alto o suficiente para que todos pudéssemos ouvir. Essa é a vida do passageiro {k0} nosso novo inferno ambiente.

Na frente do convés superior do ônibus, de outra forma vazio, um homem sentou-se nos assentos adjacentes a mim – os melhores da casa. Ele imediatamente tirou seu telefone, carregou um podcast no YouTube e sentou lá, seu dispositivo tocando alto. Eu sabia que isso seria minha chance de contá-lo, praticar sem um público e, portanto, com pouco risco de ele se sentir publicamente envergonhado. Somente eu e ele no ringue, então: "Amigo, você pode me ouvir com fones de ouvido?"

Eu havia pensado cuidadosamente sobre a melhor maneira de fazer isso. Eu neutralizaria minha voz para que meu julgamento não pudesse envenenar o tom. Eu sorria com um rosto aberto e pensaria pensamentos positivos sobre este homem, para que ele intuitivamente sentisse que eu era amigo, não inimigo. E então, eu reduziria a mensagem a uma frase básica, não amortecê-la com desculpas (um pedido de desculpas – de *mim!*) ou explicaria por que queria que o comportamento antissocial parasse.

Nos últimos meses, fiz isso a cada vez que a oportunidade se apresentou injustamente. As pessoas geralmente respondem bem. Não apenas os fiéis ao conteúdo barulhentos, mas geralmente, como é o jeito reprimido e passivo-agressivo britânico, os outros passageiros que assistem ou dão um olhar encorajador. A única resposta enfurecida veio de um homem que, inexplicavelmente, assistia a clipes do Jeremy Kyle no YouTube, o que, de certa forma, faz sentido. "O que é com você", perguntou retoricamente antes provavelmente desejando que não tivesse.

As coisas eram muito diferentes. Na década de 2000, geralmente havia uma criança ou dois tocando música {k0} seu telefone no ônibus para a escola. Adultos diriam-lhes para parar e as crianças ririam, mas provavelmente desligariam ou diminuiriam. Cinco anos atrás, todos poderiam estar grudados aos seus telefones {k0} lugares públicos e {k0} viagens – mas raramente encontraríamos alguém tocando algo alto, ou pelo menos por mais alguns segundos, sem segurá-lo próximo à {k0} orelha.

Agora, não são apenas jovens enchendo nossos espaços públicos com entrevistas do Joe Rogan e tutoriais de biohacking – é todo mundo. Não acho que as pessoas sequer percebem que estão fazendo isso. Algures ao longo do caminho, isso se tornou normal – certamente durante a pandemia, quando coletivamente decidimos que todo momento consciente precisava ser preenchido com conteúdo visual e auditivo, antes de serem nos informados para retornar à sociedade. Vamos apenas dizer que lutamos. Acredito isso porque quando pergunto a pessoas para diminuir seus dispositivos, eles fazem uma das duas faces: ou eles parecem acordar de um sono de séculos ou parecem surpresos consigo mesmos, como se não soubessem como chegaram a este momento.

Você pode argumentar que, {k0} teoria, essa perturbação não é diferente de ouvir pessoas terem conversas altas ou estar embriagadas e desinibidas de forma inócua. Mas é diferente. Essa qualidade metálica ao barulho, a parada e partida abrupta de {sp} e áudio, a natureza caótica de cada tipo de conteúdo acontecendo ao mesmo tempo no mesmo metrô: é distraente e desorientador. Ele impede que você esteja no presente e tem o efeito perverso de forçá-lo para dentro de seus próprios fones de ouvido e bolha de conteúdo, quando você pode estar – pelo menos {k0} meu caso – tentando reduzir seu próprio tempo na tela. A única coisa pior do que ser escravo do próprio dispositivo e seu bater de chifres incessante é ser forçado a ouvir os de outras pessoas. A melhor maneira que posso descrever a sensação é que me sinto atacado por algum processo elétrico de sucção; levantando ainda mais meu sistema nervoso já desregulado. Não precisa ser assim. Se mais pessoas se juntarem a mim, eventualmente a Transport for London ou o órgão responsável local pagará por um novo anúncio: "Por favor, ofereça seu assento a mulheres grávidas, não moleste sexualmente as pessoas e não faça conteúdo de meio-

fio alto, por favor!" Imagine quanto claramente poderíamos pensar. Talvez possamos até ter interações agradáveis um com o outro.

Quando disse a esse homem no convés superior do ônibus para ouvir o YouTube com fones de ouvido, ele me olhou incrédulo por um momento. Em seguida, quando o que eu tinha pedido dele finalmente afundou, ele imediatamente vermelheou. "Deus, desculpe", disse. "Eu estava {k0} meu próprio mundo lá."

comentário do comentarista

Experimento social no verão: pedir aos passageiros que usem fones de ouvido

No início do verão, fiz um experimento social – algo que você pode considerar ingênuo ou insuportável, dependendo da prioridade que dá a uma vida tranquila. Tudo começou com uma viagem fragmentada de norte a sul de Londres, durante a qual, {k0} cada seção do trajeto (ônibus, sobreground, ônibus), alguém estava tocando conteúdo {k0} seu telefone, alto.

Inicialmente, havia uma mulher desajeitadamente desfilando por {sp}s do TikTok: quatro segundos de ataques de tutoriais de medicina tradicional chinesa, meninas brincando com seus namorados e dicas de autoajuda. A mulher ao seu lado colocou fones de ouvido, mas não disse nada. Em seguida, havia uma mulher ouvindo um almost 20-minutos de longo áudio de mensagem de voz de um amigo alto o suficiente para que todos pudéssemos ouvir. Essa é a vida do passageiro {k0} nosso novo inferno ambiente.

Na frente do convés superior do ônibus, de outra forma vazio, um homem sentou-se nos assentos adjacentes a mim – os melhores da casa. Ele imediatamente tirou seu telefone, carregou um podcast no YouTube e sentou lá, seu dispositivo tocando alto. Eu sabia que isso seria minha chance de contá-lo, praticar sem um público e, portanto, com pouco risco de ele se sentir publicamente envergonhado. Somente eu e ele no ringue, então: "Amigo, você pode me ouvir com fones de ouvido?"

Eu havia pensado cuidadosamente sobre a melhor maneira de fazer isso. Eu neutralizaria minha voz para que meu julgamento não pudesse envenenar o tom. Eu sorriria com um rosto aberto e pensaria pensamentos positivos sobre este homem, para que ele intuitivamente sentisse que eu era amigo, não inimigo. E então, eu reduziria a mensagem a uma frase básica, não amortecê-la com desculpas (um pedido de desculpas – de *mim!*) ou explicaria por que queria que o comportamento antissocial parasse.

Nos últimos meses, fiz isso a cada vez que a oportunidade se apresentou injustamente. As pessoas geralmente respondem bem. Não apenas os fiéis ao conteúdo barulhentos, mas geralmente, como é o jeito reprimido e passivo-agressivo britânico, os outros passageiros que assistem ou dão um olhar encorajador. A única resposta enfurecida veio de um homem que, inexplicavelmente, assistia a clipes do Jeremy Kyle no YouTube, o que, de certa forma, faz sentido. "O que é com você", perguntou retoricamente antes provavelmente desejando que não tivesse.

As coisas eram muito diferentes. Na década de 2000, geralmente havia uma criança ou dois tocando música {k0} seu telefone no ônibus para a escola. Adultos diriam-lhes para parar e as crianças ririam, mas provavelmente desligariam ou diminuiriam. Cinco anos atrás, todos poderiam estar grudados aos seus telefones {k0} lugares públicos e {k0} viagens – mas raramente encontraríamos alguém tocando algo alto, ou pelo menos por mais alguns segundos, sem segurá-lo próximo à {k0} orelha.

Agora, não são apenas jovens enchendo nossos espaços públicos com entrevistas do Joe Rogan e tutoriais de biohacking – é todo mundo. Não acho que as pessoas sequer percebem que estão fazendo isso. Algures ao longo do caminho, isso se tornou normal – certamente durante a pandemia, quando coletivamente decidimos que todo momento consciente precisava

ser preenchido com conteúdo visual e auditivo, antes de serem nos informados para retornar à sociedade. Vamos apenas dizer que lutamos. Acredito isso porque quando pergunto a pessoas para diminuir seus dispositivos, eles fazem uma das duas faces: ou eles parecem acordar de um sono de séculos ou parecem surpresos consigo mesmos, como se não soubessem como chegaram a este momento.

Você pode argumentar que, {k0} teoria, essa perturbação não é diferente de ouvir pessoas terem conversas altas ou estar embriagadas e desinibidas de forma inócua. Mas é diferente. Essa qualidade metálica ao barulho, a parada e partida abrupta de {sp} e áudio, a natureza caótica de cada tipo de conteúdo acontecendo ao mesmo tempo no mesmo metrô: é distraente e desorientador. Ele impede que você esteja no presente e tem o efeito perverso de forçá-lo para dentro de seus próprios fones de ouvido e bolha de conteúdo, quando você pode estar – pelo menos {k0} meu caso – tentando reduzir seu próprio tempo na tela. A única coisa pior do que ser escravo do próprio dispositivo e seu bater de chifres incessante é ser forçado a ouvir os de outras pessoas. A melhor maneira que posso descrever a sensação é que me sinto atacado por algum processo elétrico de sucção; levantando ainda mais meu sistema nervoso já desregulado. Não precisa ser assim. Se mais pessoas se juntarem a mim, eventualmente a Transport for London ou o órgão responsável local pagará por um novo anúncio: "Por favor, ofereça seu assento a mulheres grávidas, não moleste sexualmente as pessoas e não faça conteúdo de meio-fio alto, por favor!" Imagine quanto claramente poderíamos pensar. Talvez possamos até ter interações agradáveis um com o outro.

Quando disse a esse homem no convés superior do ônibus para ouvir o YouTube com fones de ouvido, ele me olhou incrédulo por um momento. Em seguida, quando o que eu tinha pedido dele finalmente afundou, ele imediatamente vermelheou. "Deus, desculpe", disse. "Eu estava {k0} meu próprio mundo lá."

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - 2024/08/13 Notícias de Inteligência ! (pdf)

Data de lançamento de: 2024-08-13

Referências Bibliográficas:

1. [crypto casino slot machine online gaming platform laravel 5 application](#)
2. [aposta minima galera bet](#)
3. [como fazer depósito na sportingbet](#)
4. [real bet roleta](#)